

As Dez Gravuras do Búfalo



1. A Procura do Búfalo

COMENTÁRIO: O búfalo nunca esteve perdido. Qual é a necessidade de o procurar? Devido à separação da minha verdadeira natureza, eu falhei em encontrá-lo. Na confusão dos sentidos eu perdi até as suas pegadas. Longe de casa, vejo muitas encruzilhadas, mas qual o caminho certo eu não sei. Ganho e perda, o certo e o errado surgem impetuosamente.

VERSOS: *Nas pastagens deste mundo, eu incessantemente afastei as ervas altas em busca do búfalo. Seguindo por rios sem nome, perdido perante os caminhos impenetráveis de montanhas longínquas, a minha força fraquejando e com a minha vitalidade exausta, eu não consigo encontrar o búfalo. Eu apenas oiço o cantar das cigarras durante a noite na floresta.*

Na gravura vemos um rapaz assustado pelo desaparecimento dum búfalo, afasta as ervas altas e põe-se à procura do búfalo. Na mão tem uma corda e um chicote prontos para apanhá-lo, mas por mais que o procure por toda a parte, não consegue vê-lo. Esta gravura simboliza o grande esforço que as pessoas fazem durante a vida para se encontrarem a si próprias, não conseguindo encontrar a porta. Pela expressão do rapaz,



percebemos que ele está muitíssimo concentrado na sua procura. O rapaz somos nós próprios. Nesta vasta planície que é o mundo, estamos constantemente a afastar as ervas altas à procura do búfalo. Seguindo rios sem nome, perdemos-nos nos caminhos íngremes das montanhas longínquas e, já exaustos, não encontramos o búfalo. Conseguimos apenas ouvir as cigarras a cantar pela noite fora.

Perdidos nos rios da nossa vida, não encontramos o caminho de volta para casa. O búfalo é uma espécie de símbolo para a força e determinação, a natureza búdica, o potencial, a vitalidade e o dinamismo. O búfalo simboliza a própria vida. O búfalo simboliza ainda a força interior que temos, a nossa energia latente. A vida está repleta de rotinas e afazeres, mas nenhuma delas tem importância real se nunca tivermos procurado o nosso verdadeiro eu. O mais básico é compreendermo-nos a nós próprios.

As ervas altas simbolizam os nossos desejos. O búfalo (a nossa mente) perde-se lá dentro. A sedução do dinheiro, do poder e das coisas materiais, é um poço sem fundo. O *Ch'an* permite-nos a introspecção, a capacidade de perceber as necessidades da nossa mente, para que possamos trabalhar arduamente e diligentemente com a nossa mente. Mas primeiro precisamos de ver quais são as necessidades da nossa mente. Apenas conhecendo qual é o nosso 'eu', podemos saber quais as nossas necessidades inatas. Se conseguirmos compreender a qualidade do nosso potencial, podemos compreender o que nos traz satisfação. Ao contrário, ao não nos conhecermos a nós próprios, nunca paramos de correr. Esta correria leva-nos quase à loucura. Mas, parando à beira da estrada, acalmando um pouco a mente, podemos pensar no que estamos a fazer, e porque é que o fazemos. Não podemos correr desenfreadamente, pois quanto mais corremos, mais rápida se torna a correria e, ao fim de algum tempo, vai-nos ser difícil parar. Se passarmos muito tempo a fazer isto ou aquilo, os nossos actos tornam-se um hábito sem o qual não sentimos que estamos vivos.

